

Educação Sexual para uma Geração Extremista | Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo

Um certo musicista/filósofo da década de 80 compunha que éramos, à época, uma “Geração Coca-Cola” e que seríamos o futuro da nação.

Hoje, o fluxo de progressos, tais como a redução da erotização do corpo feminino, os avanços protetores com a lei Maria da Penha e a ampliação da autonomia da mulher nas questões de gênero, segue em trânsito, respeitando as leis de acordo com as vias trafegadas.

Na contra mão dos retrocessos, um tanto quanto desgovernados, correndo risco de colisão frontal com os demais, segue um fluxo crescente de extremistas em um declive de constructos religiosos, esbravejando versículos bíblicos como verdades absolutas e com os corações cheios de ódio. Ufa!

É fato que há uma óbvia contradição nesse fluxo, que parece não ser tão óbvia para tais cidadãos. O fato de odiar tão veementemente o próximo não é um problema para os leitores ávidos da bíblia.

A verdade é que, tais posicionamentos repercutem na sala de aula, na fala docente e discente, nas expressões usadas nas conversas de corredores e nas conversas da sala dos professores.

Tal repercussão durante a aula de uma professora de Biologia com tema Educação Sexual pode tornar o ambiente uma arena de guerra. É notável que os ânimos ficam muito exaltados diante de temas como *o corpo do outro* ou temas que ferem de alguma maneira a *forma religiosa do outro pensar e se comportar*.

O interesse pelo *outro* no atual cenário brasileiro e mundial tomou importância central na vida dos extremistas. Isso dificulta a exposição de determinados temas em sala de aula.

Durante aulas sobre Métodos Contraceptivos, facilmente encontramos comentários como: “O melhor método é a castidade” e “A mulher engravida somente quando quer”, até mesmo alunos com olhos ou ouvidos tampados, literalmente, por considerarem um conteúdo impróprio para uma sala de aula, e durante as temáticas sobre a legalização do aborto e o direito de escolha da mulher: “Sou contra o aborto, pois a criança não tem culpa”, e em temas sobre sexualidade: “A homossexualidade é falta de Deus”. E assim

seguimos em rota de colisão iminente com os preceitos sociais extremistas atravessando a relação professor-aluno/ ensino-aprendizagem.

O que aconteceu com a nossa *Geração Coca-Cola*? O que aconteceu com *Os burgueses sem religião*? O que aconteceu com *O futuro da nação*? Em que ponto da estrada parte do fluxo pegou a contramão?

E, se a escola não é o lugar adequado para tratarmos de Educação Sexual, onde seria esse lugar adequado? Em ambiente familiar desestruturado? Em altares religiosos intransigentes? Na roda de conversa informal com os colegas da mesma idade e que carregam as mesmas dúvidas?

Caros leitores, é sabido que a maioria de nós tivemos acesso a conhecimentos sobre sexualidade no ambiente escolar, geralmente abordados pelos docentes de Ciências ou de Biologia. São incontáveis as vezes que sanamos dúvidas e que ouvimos relatos sobre sexualidade dos nossos alunos e alunas (*gravidez, doença, gênero, corpo, medo, porquês, insegurança, amor, prazer...*). E, não é raro presenciarmos gravidez na adolescência, assédio sexual e de intolerância de gênero sofridos na escola ou fora dele. Nossos alunos gritam! Falam conosco porque são impossibilitados de falar com qualquer outro em qualquer outro ambiente.

Já advertem os documentos curriculares oficiais nacionais e estaduais a respeito da urgência em tratar sobre sexualidade das escolas. A escola é lugar privilegiado por ser sistematizado e de grande capilaridade social.

Portanto, de forma didática, efetiva e incisiva é papel da escola suprir seus currículos com essa temática tão urgente e tão necessária! Dar voz a quem precisa falar! Dar ouvidos a quem precisa ser escutado! Trabalhar o amor e a tolerância! E segue o fluxo!

*...Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola...*

Renato Junior Manfredini